

economia

Minerais críticos podem adicionar R\$ 192,1 bi ao PIB

Estudo da Amcham Brasil aponta potencial de 750 mil empregos até 2050

/ MINERAÇÃO

A expansão dos investimentos na cadeia de minerais críticos e de terras raras no Brasil pode adicionar R\$ 192,1 bilhões ao Produto Interno Bruto (PIB) e gerar 750 mil novos empregos até 2050, segundo um estudo inédito que a Amcham Brasil lançou ontem.

O levantamento compara dois cenários para o desenvolvimento do setor no País. No primeiro, os investimentos seriam financiados majoritariamente por capital doméstico, e a produção permaneceria voltada principalmente à exportação, com baixa agregação de valor no Brasil. Nesse caso, o estudo estima impacto acumulado de R\$ 128,7 bilhões no PIB e geração de 304 mil empregos.

No segundo cenário, a projeção considera maior participação de investimento estrangeiro, expansão do processamento dos minerais no Brasil e uso crescente desses insumos pela indústria nacional. Nessa hipótese, os investimentos cresceriam R\$ 120,9 bilhões, com impacto acumulado de R\$ 192,1 bilhões no PIB e geração estimada de 750 mil empregos.

De acordo com a Amcham Brasil, a diferença entre os dois caminhos indica que a atração de capital internacional e o adensamento das cadeias produtivas podem adicionar R\$ 63,4 bilhões ao PIB, R\$ 32,3 bilhões ao consumo das famílias, R\$ 16,1 bilhões aos investimentos e 446 mil empregos.



Levantamento utilizou projeções para estimar demanda por mineiras críticas

O estudo aponta que os maiores impactos sobre o PIB ocorreriam nos Estados mineradores, com destaque para Pará (16,0%), Bahia (10,3%), Goiás (10,0%), Piauí (4,0%) e Minas Gerais (3,8%).

Ao mesmo tempo, o fortalecimento do processamento doméstico ampliaria os efeitos para Estados com maior presença industrial. Na comparação com o primeiro cenário, os maiores ganhos adicionais seriam observados em Santa Catarina, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, segundo o documento.

Na análise setorial, a indústria de transformação teria crescimento acumulado de 1,8% no segundo cenário, acima do registrado no primeiro. O estudo também aponta crescimento na construção civil (4,5%) e na indústria extrativa (4,2%). Entre os segmentos in-

dustriais, os maiores impactos seriam nos segmentos de máquinas e equipamentos elétricos (16,7%), máquinas para extração mineral (9,8%), automóveis (5,5%) e máquinas e equipamentos mecânicos (2,9%). O documento foi elaborado por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Segundo a Amcham Brasil, o estudo utiliza projeções de trabalhos globais e internos para estimar a demanda por minerais críticos e elementos de terras raras e considera uma carteira de projetos de investimentos previstos. Foram analisados cobalto, cobre, grafita, lítio, níquel e elementos de terras raras, apontados como insumos usados em tecnologias como baterias, veículos elétricos, turbinas eólicas e equipamentos eletrônicos.

Lula conversa com Putin sobre diesel e fertilizantes

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva conversou por telefone ontem com o líder da Rússia, Vladimir Putin, sobre o comércio entre os dois países, com destaque para as exportações de diesel e fertilizantes.

Por cerca de uma hora, os presidentes também trataram da situação geopolítica atual e da intenção de ampliar o comércio entre os dois países nas áreas de energia, naval e ciência e tecnologia. O presidente brasileiro tem reforçado laços comerciais com outras nações após o tarifaço imposto pelos Estados Unidos.

A nota do governo brasileiro não especifica sobre quais conflitos os dois líderes trataram. Já o comunicado emitido pela Rússia horas antes diz que Putin teria agradecido a Lula pelo suporte nas tratativas de acordos pela paz com a Ucrânia.

Com críticas às dificuldades do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) em encaminhar uma solução para os conflitos mundiais, Lula voltou a defender o apoio à candidatura de Michelle Bachelet para o cargo de Secretário-Geral das Nações Unidas.

“Nesse contexto, o presidente Lula ressaltou os aspectos hu-

manitários dos conflitos, lamentando a perda de vidas humanas, inclusive civis”, diz trecho.

Os dois ainda repassaram os principais temas da agenda bilateral, destacando as reuniões que ocorreram neste ano, em Brasília, no âmbito da Comissão de Alto Nível (CAN) e da Comissão Intergovernamental de Cooperação Econômica, Comercial, Científica e Tecnológica (CIC).

Ambos também expressaram determinação de continuar trabalhando conjuntamente nos foros internacionais, especialmente no Brics, cujo papel no atual cenário internacional foi enfatizado.



Visão
de mercado

João Satt

Estrategista e CEO do G5
joaosatt@gcinco.cc

O poder da Região Metropolitana

Independentemente de quem avance ao segundo turno, uma certeza permanece: apenas dois seguirão na disputa. O segundo turno é um campeonato completamente diferente, com novas regras, novos cálculos e uma exigência muito maior de precisão estratégica.

O mapa do Rio Grande do Sul pode enganar. É possível vencer na maioria dos municípios e, ainda assim, perder a eleição, porque municípios não votam. Pessoas votam. E as pessoas estão, em sua maioria, na Região Metropolitana de Porto Alegre.

A Grande Porto Alegre concentra cerca de 43% do eleitorado gaúcho, algo em torno de 3,67 milhões de eleitores. Em uma disputa equilibrada, cinco pontos percentuais representam aproximadamente 180 mil votos, uma diferença que pode ser construída ou destruída nesse único território.

Mas o peso da Região Metropolitana vai muito além da aritmética eleitoral. É ali que estão os principais veículos de comunicação, as universidades, as entidades empresariais, as organizações da sociedade civil e a maior concentração de formadores de opinião do Estado.

O que acontece na Grande Porto Alegre não fica na Grande Porto Alegre. Repercute, amplifica e molda o debate político em todo o Rio Grande do Sul.

No segundo turno, a lógica da disputa se transforma completamente. Passam a ser decisivas a conquista dos eleitores dos candidatos eliminados, a redução da rejeição junto aos indecisos, a mobilização intensa da própria base e o combate à abstenção, que historicamente penaliza quem depende de um eleitorado menos engajado.

A eleição de 2022 demonstrou com clareza que vence quem amplia sua base de apoio além dos já convencidos e consegue transformar resistência em adesão.

Nesse cenário, a Região Metropolitana exige uma estratégia própria, construída de dentro para fora. Saúde, segurança, mobilidade urbana, emprego, habitação, saneamento, enchentes e custo de vida são desafios concretos que pedem respostas igualmente concretas.

O erro estratégico mais comum é tratar a região com o mesmo discurso concebido para o interior, como se as dores fossem as mesmas e os gatilhos fossem os mesmos. Não são.

A estratégia mais eficaz é aquela que transforma o candidato ao governo do Estado em alguém que fala com a intimidade de quem conhece cada município por dentro, cada rua, cada problema e cada expectativa.

Isso exige compreender os diferentes motivadores de cada comunidade, construir propostas aderentes às demandas locais e ocupar com consistência o espaço onde a opinião pública se forma com maior intensidade.

Uma estratégia vencedora combina capilaridade no interior com densidade eleitoral na Região Metropolitana. O primeiro turno é um campeonato de resistência e acumulação. O segundo é uma decisão, e decisões exigem precisão, leitura regional e capacidade real de execução. Nesse momento, o amadorismo pode custar não apenas a eleição, mas o sonho de subir a escadaria do Palácio Piratini.

“O que acontece na Grande Porto Alegre não fica na Grande Porto Alegre; repercute, amplifica e molda o debate político em todo o Rio Grande do Sul”